

uma acuidade mais cruel de sangüinários horrores, exhumados do barbaro passado.

Como se haja seja o que for capaz de impedir a eterna atracção do progresso! Ninguém pode matar a ideia a tiros de canhão, nem pôr-lhe algemas.

O fim aproxima-se tanto mais quanto o ideal verdadeiro aparece mais forte e mais belo, do que todas as ficções que o precederam.

Tambem quanto mais o presente for pesado e esmagador para as multidões, maior será a pressa de sair d'ele.

Hoje que vinte e seis anos são passados depois da hecatombe, através da miseria e da opressão cada vez mais terríveis dos trabalhadores, nós vemos cada vez mais proximo o mundo novo.

Como o vigia habituado a distinguir ao longe nas nuvens o sinal de tempestade, nós reconhecemos o que já vimos.

Minuto a minuto, o velho mundo mais se submerge; a eclosão da era nova é imminente e fatal, nada pode impedi-la, a não ser a morte.

Só um cataclismo universal impediria o cocene que se prepara.

Os grupos humanos atingiram a humanidade consciente e livre: estamos no final.

Lembra-me que uma noite arrisquei esta ideia: sendo electricidade o pensamento, tornar-se-ia possível fotografá-lo, e como elle não tem lingua, representar-se-ia por sinais semelhantes a sulcos de relampagos, os mesmos para todos os dialectos, uma especie de stenografia.

Já se pode ver através dos corpos opacos: nada impede o ir-se até ao fim.

Tambem os mundos, graças á ciencia, não guardarão mais os seus segredos e será isso o fim dos deuses; a eternidade antes e depois de nós no infinito das esferas realizando como os seres as suas transformações eternas. Coragem, eis aí o germinal secular.

Luisa Michel.

NOTA. — Esta secção sairá no primeiro numero de cada mês.

Primeiras letras

Ação directa, acção politica

Para os militantes do movimento operario, a *acção* reveste diversos aspectos, conforme se subordina a um destes metodos — o libertario ou o autoritario, ou conforme se norteia por um destes principios — a democracia e o seu sucedaneo, o socialismo parlamentar, que substituem o representado pelo representante, ou o sindicalismo, que, eliminando o intermediario ou medianeiro, só conserva o interessado.

Dahi as duas formas que em seguida se definem.

Acção directa — Toda a pressão exterior á maquina governamental ou burguesa, exercida pelo proletariado, independentemente de intermediarios ou medianeiros, sejam ou não «representantes do povo», con-

tra o patronato e contra os poderes publicos, quer para o melhoramento das condições materiais e morais do trabalho, quer para a diminuição constante das atribuições do Estado e supressão das restrições legais que tolhem a luta operaria. Mais resumidamente: luta do proletariado organizado, sem intervenção de estranhos, pela conquista de melhoramentos mediatos ou immediatos. Conforme as circunstancias, pode ter ou feição benevola e acentuadamente pacifica ou feição vigorosa e violenta. Não reveste uniformidade: é multipla, difusa, como a requiere a complicada vida actual. Função normal dos sindicatos profissionais, caracter essencial da sua constituição, a *acção directa*, bem vistas as coisas, é a *acção sindical* em toda a sua pureza.

Acção politica — Emprego do sufragio para o uso do poder — legislativo ou municipal; por outras palavras, intervenção da classe trabalhadora no governo da burguesia. Ha quem lhe chame — *acção eleitoral*, e tem

por derivado a *acção parlamentar*. E' a *acção indirecta* ou *legal* de alguns. — O congresso socialista de Londres (1897) adoptou a seguinte definição de *acção politica*: — «O congresso entende por *acção politica* a luta organizada, sob todas as formas, para a conquista do poder politico e seu uso legislativo e administrativo, no estado e na comuna, pela classe operaria, para a sua emancipação».

Foi ahi por 1871 que começou a ser propagada a necessidade de os operarios entrarem no movimento politico. Todavia, em 14 de Julho de 1878, ainda Jules Guesde escrevia na *Égalité*: — «Toda a intervenção eleitoral da classe trabalhadora redundará fatalmente em proveito da burguesia.» Os socialistas, que adoptaram a *acção eleitoral*, primeiro como meio de protesto, em seguida para revista de forças, depois para conquistar os poderes publicos, vieram a ser acusados de a empregarem por simples interesse pessoal.

Abc.

A PROPOSITO DA GUERRA

Abdica-se pegando em armas? — Os anarquistas alemães

Numa carta (Bataille Syndicaliste, 2-12-914) dum sindicalista que pegou em armas: (18-11-914).

«O segredo da valentia dos exercitos da Republica está em que eles se batem por um ideal, porque querem salvar o futuro e continuar na paz, solidamente estabelecida, a *acção da emancipação operaria*.

Certamente que quando voltarmos, teremos que sofrer uma onda de militarismo, mas que será de curta duração, quebrada pela nossa attitude. Nada a temer por esse lado; mas quero dar-te parte de certas apreensões que tive em seguida a varios actos de propaganda reaccionaria, na linha de batalha.

Certos aristocratas que se encontram conosco, esperam captar a confiança das tropas e «varrer» pelas armas o regimen. Falam da paz nacional e preparam na sombra um movimento que, se triunfasse, acabaria com as nossas liberdades. São como os emigrados de Cablentz; mas vendo que estes tinham naquela epoca, estragado as coisas, querem actuar mesmo no interior do país. Devemos redobrar de vigilancia e estarmos prontos a salvar a Republica se a sua existencia estivesse ameaçada. E' certo que ela não é o que sonhamos, mas é preciso que não voltemos para trax. Crê que o que eu te digo é exato e já ha bastante tempo. Sigo com atenção os seus manejos e segundo o que eles dizem, trata-se dum plano combinado. Nós estamos vigilantes e contamos com vocês. E' preciso que tanto sangue vertido não o seja inutilmente. Esperamos derrubar o regimen mais imperialista para que se abra uma era nova; não queremos voltar ao passado. Esses senhores hão-de encontrar-nos pela frente»

A *Bataille Syndicaliste* de 17-1-915, reproduz do jornal inglês *Arbeiter Freund* a seguinte carta dum camarada da Alemanha:

Caros camaradas:

Desejais por certo saber o que é feito dos camaradas alemães que passam esta terrível tormenta. Antes de tudo devo dizer-lhes que todos os anarquistas e sindicalistas são, sem excepção, contra a guerra. A agitação do partido S. D. que desculpa o crime dos nossos governantes como necessidade historica, para livrar o mundo do monstro moscovita, não produziu influencia alguma sobre eles. E' que estes conhecem bem as causas da guerra e não se deixam levar por afirmações sofisticadas. Infelizmente o seu numero é bem pequeno na Alemanha, e comtudo . . . O governo bem sabe quem deve temer. Enquanto a maior parte dos jornais socialistas democratas se publicam livremente, «porque os seus redactores prometeram ao governo não criticar os seus actos e evitar toda a polemica de classe», todos os jornais anarquistas foram suprimidos. O governo vendo, em seguida á declaração de guerra, a attitude do partido S. D. proclamou logo a amnistia geral para os presos politicos e desertores e muitos socialistas notorios, como Rosa Luxemburgo, beneficiaram com esta medida. Mas os nossos camaradas ficaram excluidos do favor e muitos deles acham-se aquartelados nos batalhões disciplinares ou fazem-lhes executar trabalhos nas fortalezas; não quiz am misturá-los com os outros soldados, para que estes não fossem corrompidos no seu ardor patriotico. Militantes conhecidos foram presos em Berlim, Hamburgo, Bremen, etc. Em Berlim e Hamburgo foram distribuidos manifestos contra a guerra; a policia fez buscas domiciliares, mas sem proveito. Quando o governo enviou o *ultimatum* á Russia, os nossos camaradas organizaram reuniões de protesto em Berlim, Dusseldorf e outros pontos, mas foram proibidas, presos os organizadores e proclamado o estado de sitio em toda a Alemanha. A opinião geral não é, de forma alguma, tão entusiasta como os jornais dizem. E' certo que a febre guerreira ganhou a massa, sobretudo nos primeiros dias; mas existe um descontentamento nos meios operarios, sobretudo nas organizações da S. D. que não estão d'acordo com os chefes, tendo Rosa Luxemburgo, Liebknecht, Mehering e outros, declarado a sua contradição formal com o comité central. O que é certo é que a guerra actual será a condenação de S. D. Enquanto o exercito alemão se bate no estrangeiro, o descontentamento é mais ou menos disfarçado. Mas creio que as coisas

mudarão, quando se combater em territorio alemão e o militarismo prussiano tiver a sua primeira derrota. Julguei sempre impossivel uma revolução na Alemanha; mas agora mudo por completo de opinião, e creio firmemente que virá da Alemanha o primeiro sinal da Revolução».

NOTAS LIGEIRAS

Gente que pretende ter muito olho, afirma com decisão que «a actual guerra não se declararia, se acaso não houvesse existido uma rivalidade de interesses materiais entre duas das grandes nações beligerantes (Inglaterra e Alemanha), que entre si vinham disputando o lugar de supremo dominio no mercado mundial». Deve ser isso. Mas a *actual guerra* começou por a Austria desafiar a Servia. Em seguida porque a Russia se preparasse para defender a Servia a Alemanha, aliada da Austria, declarou-lhe guerra, e como a França, em razão disso, por motivos de aliança, não pudesse ficar quieta, a mesma Alemanha entrou em guerra com esta, passando pelo Luxemburgo e pela Belgica. Foi a invasão da Belgica a causa proxima da intervenção da Inglaterra. De modo que, se a Inglaterra se conservasse indifferente a essa invasão e ao resto, apesar da rivalidade, não haveria a *actual guerra* mas outra . . . acaso semelhante.

Se de ambos os lados, na actual guerra, ha muitos trabalhadores entre os combatentes, porque se pretende que as simpatias doutros trabalhadores vão mais para o lado dos franceses, do que para o lado dos alemães? Naturalmente porque os trabalhadores alemães, possuindo, como elles blasonavam, a melhor e a mais solida e vasta organização de luta proletaria, a transformaram em cego instrumento do kaiser e da kultur, no seu sonho de conquista e dominação. Naturalmente porque os trabalhadores alemães, invadindo a França pela Belgica, não erguiam a bandeira do proletariado, mas a do seu inimigo, o cesarismo, não lutavam contra nenhum capitalismo, contra nenhum Estado, mas a favor do capitilismo, do Estado do seu país, para submeterem a elle os franceses, seus irmãos. Naturalmente porque os trabalhadores franceses ainda não fizeram senão resistir ás pretensões odiosas dos bandos do seu inimigo de classe, em que se encorporaram ou deixaram encorporar os trabalhadores alemães.

Qualquer.

Obra da demagogia

De J. Carlos Rates, no suplemento ao *Sindicalista*, comemorativo da greve geral de Janeiro de 1912:

«A que attribuir o desmembramento da organização sindical tão promettedora que ahi tinhamos? Aos politicos? á classe capitalista? Não. A nós proprios, os sindicalistas militantes, que não soubemos reagir a tempo contra a demagogia que se infiltrou nos organismos operarios a determinar-lhes a *acção* e que os conduziu á morte aparente.

Estamos de acordo. Se não fossem os demagogos, os insurreccionais, os sonhadores de *jacqueries*, com certeza melhores dias teriam decorrido para a organização sindical.

«Numa sociedade em via de transformação, as instituições novas destinadas a substituir as antigas, sejam de ordem economica, religiosa ou politica, não aparecem de subito, elaboram-se e precisam-se a pouco e pouco». — *Dufour*.